Zanzibar

A PÉROLA NACARADA
A ESPECIARIAS DO ÍNDICO

As brochuras que havia visto mostravam uma ilha a levitar sobre o Índico, um postal ilustrado de arabescos oníricos e diáfanos, pousado sobre um mar turquesa-esmeralda. Confiante nesse devaneio exótico ainda distante do turismo de massas, cheguei a Stone Town trazida pela brisa do amanhecer, quando a cidade se espreguiçava sob a luz do novo dia.

Os árabes e os persas povoaram-na há mais de mil anos, mas a evolução próspera do sultanato foi interrompida, na sequência da passagem de um ilustre lusitano, em 1498, na rota para a Índia de seu nome Vasco da Gama. Durante duzentos anos, os portugueses deram aqui o ar da sua graça, até que, nos finais do século XVII, os árabes omanitas tomaram o território, acrescentando novas influências à cultura suaíli. No fim do século XIX, e até 1963, a ilha tornou-se num protetorado britânico, juntando-se depois a Tanganica para formar a República Unida da Tanzânia.

Património Mundial desde 2000, a parte antiga da capital – Stone Town – tem resistido aos solavancos da História e do mar. De centro de comércio de escravos, Zanzibar transformou-se na porta de entrada de exploradores que desembarcaram ávidos de aventuras e fortuna como foi o caso de Burton, Stanley e Livingstone, e que deixaram o seu sopro aventureiro a levitar por entre as ruelas labirínticas da Cidade de Pedra…

Texto: Maria João Castro Fotos: Pedro Sousa Dias

A primeira paragem é feita num palacete à beira mar, outrora sede do consulado americano e agora transformado num hotel com aroma a especiarias e gardénias. A atmosfera colonial do edifício mantém a áurea de outros tempos, talvez devido à forma harmoniosa com que integra os detalhes árabes, indianos e africanos. O mobiliário indo-árabe espalha-se por salas cujas portas, embutidas a latão, findam numa escadaria marmoreada que beija a areia da praia, sob os auspícios do marulhar do Índico. As janelas abrem-se de par em par sobre o oceano, fazendo com que as cortinas de seda bailem ao sabor da aragem africana enquanto o gramofone desprende uma voz feminina, por entre árias e estalos ruidosos.

Do jardim do Tembo avista-se uma construção colonial branca, de um porte imponente que domina a zona à beira mar. Trata-se da Beit-el-Ajaib a House of Wonders, agora museu histórico-cultural da ilha. O seu nome, "Casa dos Desejos", advém do facto de ter sido o primeiro edifício a possuir eletricidade em toda a ilha e o primeiro dotado de elevador em toda a África Oriental. Uma arquitetura que se traduz num retângulo perfeito, da qual sobressai uma torre sobrepujada por um relógio que centra filas de pilares recortando as varandas que se emolduram numa filigrana de madeira rendilhada. À entrada do alpendre, dois canhões de bronze deixados pelos portugueses

relembram a importância que a ilha teve outrora e, no interior, guardam-se resquícios do fulgor e da opulência desvanecidos pela bruma do tempo.

Contíguo à House of Wonders encontra-se o Forte Árabe, também chamado Forte Velho. Foi construído entre 1698 e 1701 pelos Busaidi, os árabes omatitas que ganharam o controlo de Zanzibar em 1698, após dois séculos de ocupação portuguesa.

Em frente, os jardins de Forodhani pontilham de clorofila o caminho até ao Palace Museum, o antigo Palácio do Sultão onde não é difícil imaginar as conversas sussurradas das mulheres do harém dirigindo-se para alcovas coloridas de volúpia e sedução e compassando a distância com o arrastar das suas kabakib – sandálias de madeira – que pusilânimes, se ocultavam sob as cafetãs ricamente bordadas a desejo…

Nas ruas proliferam uma mistura de estilos arquitectónicos onde se destacam as portas ricamente entalhadas e as varandas rendilhadas a madeira exótica. Os pontos obrigatórios de visita dividem-se entre o dispensário, a Zanzibar Gallery, a Mesquita, a catedral de S. José, o monumento aos escravos e o mercado mas há sempre a hipótese de uma evasão mais demorada a uma quinta de especiarias ou uma viagem de dhoni – as embarcações tradicionais – ao largo da ilha.

Deixo-me ir à deriva, emoldurada por paredes que escondem pedaços de história, cruzando-me com mulheres árabes veladas pela religião e outras, suaíli, envoltas em kangas garridas. Estudo longamente a arquitetura delicada, a ambiência branda: corro os olhos pelas fachadas mudas, impenetráveis, e, por instinto, procuro reconstruir a sua vida interior, feita de salas repletas de tapetes macios que os pés descalços pisam durante toda uma vida e janelas que, entreabertas, arejam ao fresco do entardecer.

O chamamento cantado dos minaretes das mesquitas embala o pensamento e deixa-me leve como a aragem que se desprende do mar. A magia do crepúsculo de Stone Town oferece um pôr-do-sol que se afunda no oceano onde as velas dos dhonis recortam de sombra o horizonte incendiado de tons âmbar.

E porque o dia foi longo é urgente descansar. A porta estreitíssima do quarto revela um conforto intimista. Em frente, o mar reflete a luz da Lua.

O novo amanhecer trás o eco do almuadem elevando-se nos céus. O rebentar suave da ondulação morre na areia de coral, em frente aos nossos pés: é toda uma África que dança na brisa que corre à beira-mar…

Já fora do perímetro da cidade não se pode deixar de visitar os palácios de Mtoni, Maruhubi e Dunga. Edifícios outrora de uma solidez plácida, apresentam-se desgastados pela usura de décadas e pela ausência de cuidados. Contudo, a decadência

tem o seu encanto, estimula a imaginação. A nidjm il subh – a estrela da manhã – faz sobressair nas ruínas uma luminosidade que lhes suaviza o declínio, ajudando-as a urdirem histórias sem fim, vestígio de uma época inexpugnável, leviana até.

A seguir, o veículo passa por Bububu detendo-se nos Banhos Persas de Kidichi. Foram mandados construir para a segunda mulher do sultão Said, Sherazade, a mesma que inspirou a poética d´As Mil e Uma Noites, narrativa onde se conta como a alma de um soberano foi resgatada pela beleza das narrativas da futura esposa.

Desfilam aldeias, dobram-se coqueiros. Aqui e ali vêem-se plantações de cravinho, a especiaria nobre da ilha.

Tempo depois, eis-nos chegados a um portão alto de madeira, ladeado por muros de arbustos e colmo. Numa imponente placa de madeira pintada com letras brancas pode ler-se: "Karibu Breezes Beach Club", bem-vindo ao Breezes Beach Club.

Num hall ao ar livre, serpenteiam sedas em tons rosa e roxo, cobrindo sofás e camas de dossel indo-árabes, escurecidas de maresia. Um carreiro estreito conduz à praia, emoldurado por buganvílias entrelaçadas no arvoredo altaneiro. O mar, sereno e rasteiro até à barreira de coral, ao fundo, muda de cor no instante de uma braçada.

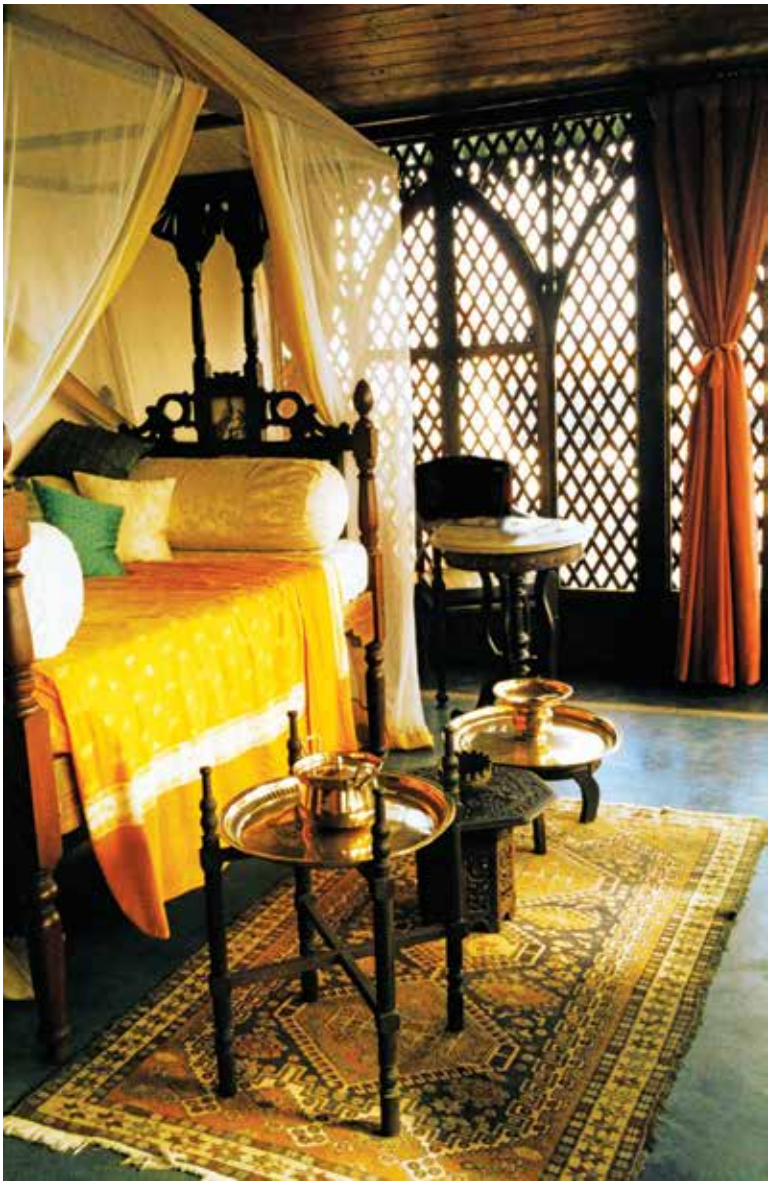
Sobre a grande bacia perfumada e coroada por uma água a 35 graus, o céu apresenta-se de uma limpidez perfeita. As ondas, minúsculas e preguiçosas, recebem-me com doçura. Percorro o cenário com o olhar: é como um filme composto por sucessivos fotogramas de superior qualidade, com jogos de cor e tonalidades só ao alcance dos mestres de fotografia.

Ao fim do dia, o clarão alambrado do crepúsculo imprime um cunho particular ao local, sonorizado pelo som entrecortado da ondulação a desfazer-se em espuma na areia. A folhagem baloiça ao vento, enquanto a madeira das portadas geme sob a aragem do Índico. O dia desbota sereno no horizonte, numa imensa bola de fogo que é engolida pela água

de reflexos de ouro. Na semiobscuridade da tarde, o dia apaga-se por entre os interstícios dos cortinados corridos.

À noite, os odores evidenciam-se, flutuando no ar. Frutos adoçados acompanham os peixes e mariscos temperados com uma miríade de especiarias sabiamente espalhadas. Os banquetes nocturnos podem ser servidos no restaurante ou na praia, mas a opção a não perder é um jantar no Tides, o restaurante mais pequeno do mundo, uma cabana recortada sobre o areal e onde apenas há lugar apenas para dois eleitos…

As pálpebras acusam cansaço. A cúpula celeste resplandece de estrelas que abraçam a Lua cheia, subindo no horizonte. Regresso ao quarto pela praia deserta. Era nas ilhas que os antigos situavam deuses e heróis, ninfas e sereias, monstros e mitologias. Ferreira de Castro, viajante insaciável, escreveu em Terra Fria que a nostalgia deve ter nascido numa ilha porque só numa ilha se compreende integralmente, o significado da distância e é envolta numa maresia



melancólica que me deixo adormecer, sentindo-me exausta e afortunada.

Acordo sob os auspícios de uma aurora translúcida. As retinas mal se habituam à luminosidade. Ao som das tímidas ondas e do chilrear dos primeiros pássaros, que saltitam entre os coqueiros, deixo-me assombrar com a quietude e a beleza de tão raro instante nas nossas vidas, quase sempre apressadas. É impossível não me sentir uma privilegiada.

Os minutos, as horas e os dias passam céleres por entre o dolce fare niente da praia, o snorking, o mergulho com garrafa, o passeio de bicicleta ao longo da orla marítima, as aulas de yoga, o tempo de leitura ou as massagens do notável Spa do Breezes.

Na última noite, e sob um luar prateado, a terna aragem nocturna, deixo a portada da varanda aberta de par em par.; as cortinas incham com o vento marítimo. Tudo está sereno. Por agora, o poema é o ar que se respira, a tranquilidade que se sente. Regresso à alcova deixando o sopro dos deuses demiurgos acariciar-me a face e uma gardénia perfumar-me o sono.

A bad-i-saba – a brisa sagrada da manhã – traz o dia da partida. Num último relance sinto o desejo voltar, mesmo antes de ter partido.

No regresso a Stone Town há tempo para procurar por entre as dezenas de lojas de Ali Babá, um objecto especial que prolongue, já em casa, a vivência singular do antigo sultanato de Zinj.

Através da janela do avião, Zanzibar vai-se tornando num grão de areia, diluindo-se nas águas translúcidas do Índico. O reconforto é que não há hora de despedida, pois ninguém se despede daquilo que fica para sempre. Quando se assimila verdadeiramente um lugar, basta invocá-lo para que ele apareça, renascido sempre que quisermos. Guardo a pérola nacarada a especiarias do Índico na gaveta das reminiscências sabendo que restará apenas um punhado de letras espalhadas sobre a folha em branco que, à laia de um poema do planisfério pessoal, ou ode demiúrgica de quem perde o caminho para casa, permanecerá além das distâncias e das deslembranças…

— COMO CHEGAR

Não existem ligações directas entre Portugal e Zanzibar. Voos com KLM, British Airways, ou Emirates até Dar-Es-Salaam ou Nairobi, de onde se apanha um voo da Kenya Airways ou da Air Tanzânia até à ilha de Zanzibar.

— INFORMAÇÕES ÚTEIS

Documentos: passaporte (validade mínima de seis meses) e visto obrigatório que custa cerca de €40 e que pode ser pedido no aeroporto à chegada à Tanzânia

Idioma: Suaíli e Inglês.

Indicativos: 00 255 para a Tanzânia e 54 para Zanzibar.

Diferença horária: mais três horas que em Portugal continental

Moeda: Xelim Tanzaniano. 1 EUR = 1587,13 TZS.

População: Pouco mais de 1 milhão de habitantes.

Vacinas: Obrigatória a vacina da febre amarela e precauções contra a cólera e malária. É recomendada a imunização contra a tifoide e a hepatite. Para outras vacinas recomendadas consulte:
http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/saude+em+viagem/consulta+de+saude+do+viajante

Corrente eléctrica: 230 volts

Clima: Zanzibar tem um clima ideal para férias de praia durante quase todo o ano, com excepção dos meses de Abril e Maio, a estação das chuvas mais duradouras. O calor do Verão é suavizado por brisas, particularmente frequentes nas costas norte e este da ilha. Estando perto da linha do Equador, possui um clima quente permanente, mas, oficialmente, o pico do Verão é em Dezembro e do Inverno em Junho.

— ONDE FICAR

- Tembo House. Estrategicamente situada à beira mar de Stone Town
Forodhani Street http://tembohotel.com
- Emerson & Green. Uma antiga mansão mercantil que remete para uma outra era
236 Hurumzi http://www.tanzaniaodyssey.com/tanzania/236-hurumzi
- Breezes beach Club, uma pérola frente ao Índico
Praia de Bwejuu, costa sudeste da ilha
http://www.breezes-zanzibar.com

— ONDE COMER

Stone Town: Livingstone Beach Restaurant; Açoteia do Emerson & Green

Praia de Bwejuu: Tides, o restaurante mais pequeno do mundo

— CONSELHOS

A maior parte da população é muçulmana sendo por isso conveniente, tanto para os homens como para as mulheres, a utilização de roupas discretas quando visitar zonas habitadas, e evitar o consumo de álcool em locais públicos. Durante o mês do Ramadão deve também evitar-se comer ou beber nas zonas urbanas. Para preservar a ilha e a sua magia nostálgica, há que ter cuidado para não ofender os costumes locais ou poluir a paisagem.

— PARA MAIS INFORMAÇÕES –

Internet: www.zanzibar.net;
www.allaboutzanzibar.com; www.zanzibar.org;
www.zanzibar.com; www.zanzibar-web.com;
www.africaguide.com